

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**POR UMA GENEALOGIA DO DISCURSO BOLSONARISTA:
PRIMEIRAS REFLEXÕES**

Maria Raphaela Campello

Departamento de Ciência Política

Trabalho preparado para apresentação no XIV Seminário Discente da Pós-Graduação em Ciência
Política da USP, de 23 a 27 de setembro de 2024

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	3
2 JAIR BOLSONARO E AS IMAGENS DO PASSADO	9
2.1 Saudosa ditadura.....	10
2.2 Deus acima de todos.....	17

1. INTRODUÇÃO

Na política não é infrequente que determinados termos sejam utilizados pelo público geral antes que se possa chegar a algum tipo de entendimento sobre o significado que eles carregam. É o que se tem observado com “bolsonarismo”, termo já razoavelmente consolidado no léxico político cotidiano e jornalístico, mas cuja conceitualização ainda exige maiores esforços. Responder à pergunta “o que é o bolsonarismo?” é uma tarefa exigente. Talvez por esse exato motivo a literatura hesite diante da questão.

Aquilo que já vem sendo chamado de bolsonarismo não parece se enquadrar perfeitamente dentro de qualquer tradição política específica. Ideias advindas dos estudos sobre o fascismo e o neoconservadorismo, para ficar apenas em alguns exemplos, ajudam a pensar o problema, mas se demonstram limitadas frente à novidade do objeto. Isso não significa que seja inútil que mobilizemos a literatura sobre fenômenos e movimentos do passado para lançar luz sobre alguns pontos do bolsonarismo. Mas esses conceitos não apenas são incapazes de esgotar a questão como, se manuseados imprudentemente, podem jogar as especificidades históricas do fenômeno brasileiro para segundo plano. Por outro lado, ao estender-se os conceitos herdados do passado sobre o corpo incongruente do presente, arrisca-se alargá-los à frouxidão.

A dificuldade de tratar o bolsonarismo dentro das categorias usualmente privilegiadas para o estudo das direitas faz com que sua natureza ainda permaneça um tanto imprecisa. Aqui e ali, podemos encontrar elementos de tradições distintas que se combinam muitas vezes de maneira um tanto original — como o liberalismo econômico conjugado à admiração do projeto de Estado forte do regime militar de 1964. Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que dificulta o trabalho analítico, esse coquetel exótico de ideias parece constituir um elemento de força para o discurso bolsonarista que, encerrado em suas próprias contradições, acaba por se blindar da lógica. O recurso à História, bem como à análise de discurso, deverá auxiliar-nos a caminhar por este terreno um tanto pantanoso.

O historiador Pierre Rosanvallon (2010) nota que a história deve ser concebida não apenas como a iluminação do pano de fundo do tempo presente mas, sim, como seu laboratório em atividade. Com isso, pretendia afirmar que as mais urgentes e importantes questões de nosso presente apenas podem ser plenamente compreendidas à luz de seu passado — ou, melhor, de sua gênese: “É desse diálogo permanente entre o passado e o presente que o processo instituinte das sociedades pode se tornar legível” (ROSANVALLON, 2010, p. 77). Pela investigação histórica, pretende-se restituir a “espessura e a densidade” das contradições

que modulam o político. Ao discutir Nietzsche, Michel Foucault (1998) define os limites daquilo que chamou de trabalho do genealogista. Imergindo na história, o pesquisador deve resistir à tentação de buscar por essências exatas, formas imóveis ou por alguma espécie de lugar da verdade. É aí que reside o problema da busca das origens: “buscar ‘o que era imediatamente’, o ‘aquilo mesmo’ de uma imagem exatamente adequada a si” (FOUCAULT, 1998, p. 13). Na busca das origens subjaz a ideia de que, em sua origem, os fenômenos encontram-se em estado de perfeição; que a origem antecede a corrupção, o declínio. O que se descobre ao se deixar guiar pela história é que as coisas não podem possuir uma identidade primeira, ou que “sua essência foi construída peça a peça a partir de figuras que lhe eram estranhas” (FOUCAULT, 1998, p. 13).

A figura que buscamos restituir do bolsonarismo, nesse sentido, necessariamente deve regredir no tempo sem esperar encontrar uma origem. Deve recorrer ao passado buscando unir as peças de um mosaico policromático, sem supor a perfeição da figura formada. Assim, torna-se possível compreender o fenômeno por meio da incorporação de ideias distintas que acabaram por se unir e se modificar através do tempo. O recurso à história também limpa o terreno para que possamos entender, enfim, o que há (ou se há algo) de original na experiência e no discurso de Bolsonaro. A história, enquanto ferramenta, ajuda a explorar aquilo que Rosanvallon denomina de “ângulo morto” das ciências sociais, ao mesmo tempo em que se nutre dos aportes fornecidos por estas.

Partindo da ideia de que há uma importante relação de mutualismo que pode haver entre as ciências sociais e a história, daremos início ao escrutínio do bolsonarismo. Nessa etapa, que consiste no núcleo do presente trabalho¹, mobilizaremos a literatura existente sobre as algumas das formas como a direita se apresenta: o fascismo, o neoconservadorismo, o neoliberalismo brasileiro e a ditadura militar. Pretende-se aqui iniciar a execução de dois movimentos simultâneos: de um lado, apreender como a literatura contemporânea tem lido Bolsonaro e o bolsonarismo por meio de categorias que pertencem originalmente a outros contextos; de outro, indicar, nos discursos de Bolsonaro e de sua base, as aproximações existentes com discursos pertencentes a determinadas tradições políticas. Neste trabalho, nos concentraremos na figura de Bolsonaro. Partindo de Bolsonaro e daquilo que o exame

¹ Esta introdução e a seção seguinte foram pensados como parte do primeiro capítulo de minha tese de doutorado. Esse capítulo deverá consistir na exploração do tema do bolsonarismo sob vários prismas sugeridos pela literatura. Nessa primeira seção, me interesso por aquele que identifico como um dos afluentes mais importantes que deram origem ao bolsonarismo, isto é, a herança do regime militar e seus efeitos sobre o próprio Jair Bolsonaro. Início igualmente um mapeamento do afluente conservador. Trata-se, entretanto, de uma versão preliminar e incompleta sobre a qual ainda pretendo trabalhar. O Seminário Discente do Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo parece uma excelente oportunidade de explorar as possibilidades latentes deste texto.

detalhado daquilo que ele pensa e acredita, bem como das leituras que se tem feito dessa figura pretendemos, em seções subsequentes, analisar o bolsonarismo, trazendo elementos do estudo de suas bases.

Para esses fins, partiremos das considerações de Laclau e Mouffe (2014) que deram origem à Teoria Crítica do Discurso e da teoria laclausiana sobre o populismo, buscando fazer da análise de discurso nossa ferramenta. Munidos dos mais de quinhentos discursos presidenciais de Bolsonaro entre os anos de 2019 e 2022, disponíveis no site oficial do Palácio do Planalto, além das notas taquigráficas referentes a sua atividade como deputado federal do Rio de Janeiro², bem como de uma amostra ainda a ser definida de discursos de suas bases³, trataremos de identificar práticas que estabelecem relações entre elementos distintos, articulando de maneira original ideias presentes em diferentes tradições da direita.

Nos interessa a maneira como, por meio da articulação entre significantes, é construída uma significação popular, uma identidade coletiva -- processo que Laclau e Mouffe chamam de hegemonia -- e seus elementos constitutivos.⁴ Se os discursos são os principais recursos com os quais se legitima e naturaliza a realidade, a análise de discurso é o que permite desnaturalizá-la. Nesse movimento, demonstra-se aquilo que ela carrega de histórico e contingente. É por esta razão que o recurso à História faz-se tão necessário: uma abordagem discursiva dos sentidos significa compreendê-los não como fruto da vontade individual do sujeito (racional e consciente) que o enuncia, mas de seu contexto. Significa compreender o enunciado enquanto elo em sua cadeia discursiva, de modo que o enfoque se desloque para a própria cadeia (DVOSKIN, 2017).

Necessariamente interdisciplinar, a análise de discurso, de um lado, fornece um quadro teórico que permite analisar a realidade social na qual se produzem os discursos. Por outro, se enraíza na linguística: o entendimento da linguagem como uma sistema próprio, correlato, mas que não é determinado pela relação que detém com aquilo a qual se refere, é tributário do legado de Ferdinand Saussure. Saussure propôs a distinção de dois níveis da língua: *langue* (a estrutura da linguagem, imodificável) e *parole* (ancorada na *langue*, refere-se à maneira como

² Disponíveis na página de discursos e notas taquigráficas da Câmara dos Deputados Federais: camara.leg.br/deputados/discursos-e-Notas-taquigraficas

³ Busquei contato preliminar com alguns pesquisadores que já construíram bases de dados de discursos digitais de redes bolsonaristas (no X, Whatsapp e Telegram) mas ainda não obtive sucesso. Como a primeira seção será dedicada ao próprio Bolsonaro, optei por concentrar-me, a princípio, nessas ideias, e explorar mais a fundo as possibilidades de fontes primárias para o estudo da base bolsonarista posteriormente.

⁴ Após conversar com comunicadores sobre o projeto, tenho considerado abandonar, ao menos parcialmente, a teoria do discurso laclausiana por entender que ela apresenta limitações consideráveis para a aplicação prática na análise de discurso. Alternativamente, tenho me interessado pelos trabalhos de Norman Fairclough no campo da *critical discourse analysis*. Como ainda estou explorando essa literatura, optei por manter o texto como estava originalmente, isto é, manter a centralidade da teoria do discurso de Laclau e Mouffe.

as pessoas combinam os signos em suas falas). O primeiro deles, isto é, o nível da estrutura, goza de um lugar privilegiado na tradição saussuriana e tornou-se o objeto principal da linguística, enquanto o segundo, o nível do uso corrente, tem sido frequentemente tido como aleatório demais para estudo científico (JØRGENSEN; PHILLIPS, 2002).

Os pós-estruturalistas — seguindo, em grande parte, algumas das linhas traçadas por Michel Foucault, como é o caso de Laclau e Mouffe — firmaram-se sobre a ideia de que a linguagem é um sistema próprio onde a relação entre signo e significante não é dada pela realidade mas, sim, pelas relações que esses signos detêm entre si. Entretanto, rejeitam a ideia de que a linguagem possa ser uma estrutura estática e totalizante de dois níveis evidentemente distintos. Se a estrutura, por um lado, pode existir, ela própria deve ser dinâmica. Nesse sentido, não há apenas um único sistema de significado, mas vários; ou seja, discursos, através dos quais modificam-se os significados. A significação, entendida como um processo social de negociação e conflito, é a fixação de um sentido, como se uma estrutura saussuriana existisse. A análise de discurso é o campo onde se busca mapear os turbulentos processos pelos quais a significação — e a normalização, a hegemonização — ocorre. A desconstrução é precisamente a operação que revela que uma relação hegemônica é contingente. Este é o objetivo da análise de discurso: desconstrução, contextualização no processo político e histórico das estruturas naturalizadas (JØRGENSEN; PHILLIPS, 2002).

Isto posto, é notório que, a despeito do lugar que ocupa a linguística nos trabalhos de Laclau e Mouffe, os autores não empreendem expressivas análises de material empírico, concentrando-se em desenvolver sua teoria. As categorias teóricas podem, no entanto, se converter em ferramentas de análise de discurso. Pontos nodais, mitos, cadeias de equivalência, formações grupais, significantes flutuantes, hegemonia, antagonismo, entre outros, podem ajudar a observar como se organizam os discursos, as identidades e o espaço social:

Quando significantes-chave são identificados no material empírico específico, a investigação pode começar com como discurso, identidade e o espaço social, respectivamente, estão organizados discursivamente. Isso é feito investigando-se como os significantes-chave se combinam com outros signos. (JØRGENSEN; PHILLIPS, 2002, p. 50, tradução nossa)

O pesquisador deve buscar identificar os significados que os signos adquirem e quais significados excluem por meio de seu posicionamento. Deve identificar onde os discursos operam lado a lado em harmonia e seus pontos de antagonismo. Qual sua relação com a ordem estabelecida. Quais intervenções hegemônicas se operam para superar o conflito. Como ponto de partida para resolver essas questões, sugerem Jørgensen e Phillips, os pontos

nodais dos discursos específicos devem ser identificados, bem como sua relação com outros signos no discurso. É, então, possível identificar as batalhas pela fixação de significados e começar a mapear a estruturação (parcial) de determinados domínios discursivos por discursos específicos.

Já do ponto de vista teórico, parece que uma ideia a ser explorada é a relação de mútua constituição entre o discurso do líder e o discurso do fenômeno que ele representa (e ao qual empresta seu próprio nome). Assim, há uma segunda pergunta a ser explorada na pesquisa, a saber, como o discurso de Jair Bolsonaro reflete e contribui para a construção e a sustentação do fenômeno político conhecido como bolsonarismo. Dentro de nosso marco teórico, entendemos que os discursos (compreendidos de maneira mais estrita) de Bolsonaro têm bastante a dizer sobre o bolsonarismo: é, ao mesmo tempo, constituído como constituinte, produto e produtor do discurso (compreendido de maneira mais ampla) do bolsonarismo. Nos parece que a produção discursiva de um indivíduo, por meio da maneira como situa signos e significados dentro de uma cadeia de significados, pode revelar algumas estruturas básicas do bolsonarismo.

Portanto, para o exame da maneira como se configura esse processo, demonstrou-se necessário o recurso também aos discursos de sua base. Interessamo-nos pelas inter-relações entre a figura de Jair Bolsonaro e o fenômeno do bolsonarismo. A co-constituição do discurso não é, evidentemente, uma questão nova para a análise de discurso. Se tomamos como ponto de partida a teoria do discurso de Laclau e Mouffe, essa abordagem pode, no entanto, ser enriquecida pelas ferramentas teóricas desenvolvidas por outras correntes da análise de discurso. Tomaremos emprestadas de Fairclough⁵ (1992) algumas delas que podem ser empregadas na análise textual empírica.

Há um entendimento importante que tomamos emprestado de Fairclough quanto à análise de discurso, a saber, a abordagem tridimensional. No modelo de Fairclough, o processo de circulação do discurso é explicado por meio da interação entre três dimensões: texto, prática discursiva e prática social. Este enquadramento teórico nos coloca em posição de observar a maneira como o discurso bolsonarista não emana de um ponto central, Jair Bolsonaro, mas que seus elementos são reinterpretados e propagados por sua base de seguidores, formando um ciclo contínuo de interação e formação discursiva.

⁵ Para o autor, não há um conjunto de procedimentos padrão definido para a análise de discurso. O pesquisador pode ter distintas abordagens a depender da natureza do projeto e de sua própria visão sobre o discurso. Além disso, cada analista possui a própria bagagem analítica que vai além das ferramentas linguísticas propriamente ditas: a análise de discurso deve ser, antes de mais nada, interdisciplinar. O processo e o resultado dependem, portanto, da bagagem interdisciplinar daquele que se dispõe à empreitada. As próprias questões que a análise de discurso busca responder devem ser definidas no exterior da própria análise.

Na dimensão do texto, nossa análise deverá se concentrar na construção linguística dos discursos do bolsonarismo. Léxico, estruturas gramaticais e estilos retóricos adotados por Bolsonaro e seus apoiadores serão nossas categorias analíticas. Já na dimensão da prática discursiva, o foco será a maneira como esses discursos são produzidos, disseminados e consumidos. O importante, aqui, é a ativa participação da base de Bolsonaro, que não somente absorve, mas também adapta e redistribui seu discurso, solidificando e expandindo sua influência. Este aspecto analítico revela a natureza interativa do Bolsonarismo, onde líder e seguidores co-constroem o discurso.

Na prática social, buscaremos examinar como o discurso bolsonarismo constitui e representa as identidades políticas, em diálogo direto com a Teoria Crítica do Discurso. Para isso, além das bases de dados próprias, contendo os discursos de Bolsonaro, será fundamental acessar bases de dados já construídas por outros pesquisadores que catalogaram e analisaram esses discursos. Em nosso trabalho de análise de discurso, buscaremos identificar não apenas os temas recorrentes e as estratégias retóricas utilizadas, mas também como esses elementos discursivos contribuem para a formação e a sustentação de uma identidade coletiva entre seus seguidores, isto é, como se opera a hegemonização. Utilizando tais bases de dados, o trabalho se concentrará em explorar como as narrativas de Bolsonaro e as ressonâncias dessas narrativas na sua base, através de plataformas como Twitter, WhatsApp e Telegram, articulam uma rede de significados que consolidam o bolsonarismo como um movimento social e político, caracterizado por suas próprias normas, valores e práticas discursivas.

As etapas acima descritas irão contribuir para a exploração de nossa hipótese, qual seja, a de que o bolsonarismo, em que se pese a necessária dimensão de continuidade histórica que apresenta, representa um fenômeno político *sui generis*, que se diferencia das expressões anteriores da direita brasileira, tais como o regime militar, o conservadorismo religioso e o (neo)liberalismo. O objetivo geral deste trabalho, assim sendo, é desvendar as particularidades do bolsonarismo. Para isso, deveremos capturar historicamente e discursivamente as manifestações originais do bolsonarismo, relacionando-as necessariamente à sua dimensão de continuidade histórica por meio de uma abordagem que combina pesquisa historiográfica e análise de discurso.

Aspiramos apreender a complexidade do bolsonarismo, situando-o no vasto e multifacetado panorama da história política brasileira, onde por vezes ele aparece não apenas como uma expressão de continuidade das tendências autoritárias, conservadoras e populistas, mas também como uma novidade desconcertante que desafia categorizações simplistas. A pesquisa propõe, portanto, uma investigação das interações entre o discurso e a prática

política de Jair Bolsonaro e sua base, e como esses elementos contribuem para moldar e refletir o fenômeno do bolsonarismo, que ainda parece deslocado dentro da narrativa política tradicional do Brasil, quase como uma anomalia. Por meio de uma abordagem que faz recurso à história e à análise de discurso, o objetivo é capturar e restituir as particularidades do bolsonarismo.

2 JAIR BOLSONARO E AS IMAGENS DO PASSADO

Jair Bolsonaro é uma figura controversa e complexa, que desafia as categorizações tradicionais da Ciência Política. Sua trajetória e seus discursos oscilam entre diferentes ideologias, criando uma mescla exótica e heterogênea de componentes ideológicos provenientes de várias matrizes. Essa característica multifacetada de Bolsonaro torna difícil sua apreensão dentro das categorias usualmente privilegiadas pelo campo acadêmico. Sua retórica, que combina elementos de conservadorismo, nacionalismo, liberalismo, militarismo e populismo, resiste a definições rígidas e exige uma análise mais refinada para ser compreendida em sua totalidade.

Se Jair Bolsonaro atua como ponta de lança do bolsonarismo, faz-se necessário olhar para esse personagem. Bolsonaro não apenas encarna, mas também molda o bolsonarismo, um movimento político que se estende além de sua figura, mas que se nutre de suas ações e discursos. É por meio da figura de Bolsonaro que o bolsonarismo se concretiza e ganha corpo, manifestando-se de maneiras que refletem tanto o apelo popular quanto a controvérsia de suas políticas e declarações. Assim, compreender Jair Bolsonaro é um passo crucial para desvendar as dinâmicas do bolsonarismo e suas implicações.

Neste capítulo inicial, pretendemos explorar essa figura como ponto de partida para um estudo aprofundado do bolsonarismo. A análise se dará em duas dimensões principais: uma dimensão histórica e uma dimensão de análise de discurso. Na dimensão histórica, revisaremos a literatura contemporânea sobre Bolsonaro, identificando os conceitos e abordagens utilizados pelas diversas disciplinas para compreendê-lo. Será fundamental mapear como diferentes campos do conhecimento, como a ciência política, a sociologia, a antropologia e a história, têm tratado Bolsonaro, destacando as convergências e divergências nas interpretações acadêmicas sobre sua figura.

Empreenderemos igualmente uma análise detalhada dos discursos de Bolsonaro, mapeando a combinação singular de ideias que compõem sua retórica. Essa análise de discurso buscará identificar os elementos constitutivos de seu discurso político, como a

construção das categorias de 'nós' e 'eles', o apelo à memória histórica e o uso de narrativas de crise e salvacionismo. Utilizando as categorias da teoria do discurso de Ernesto Laclau, examinaremos como Bolsonaro mobiliza diferentes elementos ideológicos para construir um discurso coerente e apelativo para sua base de apoio. A análise qualitativa extensiva será enriquecida igualmente por alguns dados obtidos por meio do recurso a ferramentas de processamento de linguagem natural.

Ao examinar as diferentes leituras acadêmicas e os discursos de Bolsonaro, este capítulo busca restituir a complexidade dessa figura, essencial para desvelar as raízes e as dinâmicas do bolsonarismo. A genealogia do bolsonarismo revela uma recomposição de elementos da tradição política da direita brasileira, que incorpora aspectos históricos e ideológicos, transformando-os em uma nova forma de hegemonia política. O bolsonarismo, portanto, surge como uma síntese de elementos históricos, reconfigurando-se para atender às demandas contemporâneas e mantendo uma alta capacidade de penetração nas camadas populares, articulando-se também num contexto global. Esse percurso analítico permitirá uma compreensão mais profunda do bolsonarismo como fenômeno político, revelando suas múltiplas facetas e seu impacto no cenário contemporâneo.

2.1 Saudosa ditadura

É sabida, para começar por um exemplo mais óbvio, a proximidade existente entre o bolsonarismo e uma espécie de nostalgia de 1964. Por um lado, isso se evidencia nas bases, na medida em que foram se tornando mais expressivos, ao longo dos anos, os setores do bolsonarismo organizados em prol do intervencionismo militar. É o que demonstra Veronica Freitas (2023), cuja tese detalha a evolução e expansão dos grupos intervencionistas no Brasil, desde as primeiras manifestações em 2011, contra a criação da Comissão Nacional da Verdade, até os grandes protestos pelo impeachment de Dilma Rousseff em 2015 e 2016. Nesse meio tempo, grupos marginais foram capazes de se integrar de maneira mais ampla ao movimento patriota, conseguindo maior autonomia na convocação de manifestações, com lideranças claramente definidas e estratégias de mobilização bem delineadas. Alinharam-se, evidentemente, à candidatura de Jair Bolsonaro. Freitas demonstra que, durante o governo de Jair Bolsonaro, a ligação entre os grupos intervencionistas e o presidente institucionalizou-se. Bolsonaro não apenas participou de protestos que pediam a intervenção das Forças Armadas, mas também incentivou e legitimou essas demandas em diversas ocasiões.

Por outro lado, a inclinação em direção ao militarismo já precedia, em muito, a adesão desses grupos. Na verdade, Bolsonaro construiu sua carreira política como um representante político de sua classe, isto é, os militares. Foi nesses termos que se elegeu vereador e, em seguida, deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro. Se é evidente que Bolsonaro combina elementos de matrizes bastante distintas na construção de sua identidade, também nos parece bastante claro que a identidade militar é a que Bolsonaro manifesta há mais tempo, e que por consequência parece estar nas bases da maneira como ele interpreta o mundo. Longe de se apagar com o tempo, esteve inescrupulosamente presente em sua presidência. Já em março de 2019, primeiro trimestre de seu mandato, o presidente determinou ao Ministério da Defesa que fosse instituída uma celebração oficial dos 55 anos do dia 31 de março de 1964, o que se deu durante os quatro anos de sua presidência. Em abril de 2020, ele se juntou a manifestantes em Brasília que clamavam pela volta do Ato Institucional nº 5, o mais repressivo da ditadura civil-militar, e pela intervenção militar. Essa proximidade se refletiu nas políticas e na retórica do governo, que frequentemente evocava a necessidade de ordem e disciplina associadas ao regime militar. A presença de militares em cargos chave do governo, incluindo a vice-presidência ocupada pelo General Mourão, e a nomeação de ministros militares, foram lidos como acenos ao intervencionismo.

Bolsonaro nunca escondeu essa inclinação em direção ao golpismo, particularmente evidente em seus discursos na Câmara dos Deputados entre os anos de 2013 e 2018, como avaliamos em trabalho documental preliminar. É o que se observa em sua manifestação do dia 31 de março de 2016, aniversário do golpe militar de 1964:

[...] Eu quero, Sr. Presidente, saudar o 31 de março de 1964, segunda data da independência do nosso Brasil. Não quero saudar apenas os militares das Forças Armadas. Quero saudar todo o povo brasileiro, que naquela época foi às ruas pedir o afastamento do comunista João Goulart. O Congresso, ouvindo a voz das ruas, este Congresso que aqui está, no dia 2 de abril de 1964, cassou o mandato de João Goulart. Esse pessoal da Esquerda é tão descarado, tão sem caráter, que no ano retrasado votou um projeto de decreto legislativo anulando a sessão de 2 de abril de 1964, como o ídolo deles, Lenin, que apagava fotografias. A "esquerdalha" no Brasil, que não tem compromisso com a verdade, com a democracia nem com a liberdade, simplesmente apaga fatos. É uma vergonha essa Esquerda do Brasil! É uma máquina do ódio e da mentira. [...] Meus senhores, com base no art. 142 da Constituição Federal, as Forças Armadas estão à disposição da soberania nacional, tenham certeza! De acordo com o art. 142, as Forças Armadas cumprirão seu papel constitucional. As Forças Armadas nunca foram intrusas na política. Sempre estiveram subordinadas à vontade nacional, e assim será. Não vai ser um Ministro comunista, do PCdoB, Aldo Rebelo, que vai dar qualquer ordem às Forças Armadas para defender um Governo corrupto, canalha, imoral, que não tem nenhum compromisso com a democracia ou com a nossa liberdade. Muito obrigado. Salve o dia 31 de março de 1964! (DISCURSOS..., 2022)

Mais do que a exaltação do regime de 64, Bolsonaro parece advogar para a repetição de 1964, dadas as condições políticas alegadamente análogas. Subjaz a ideia, nos discursos de Bolsonaro, de que a intervenção militar, se válida em 1964, no governo Goulart, seria válida agora, para a defesa da “soberania nacional” ameaçada pelo PT. Esse discurso parece ecoar uma antiga ideia, presente em franjas das mais radicais das Forças Armadas, de que o perigo comunista persiste. Para oficiais daquilo que a historiadora brasilianista Maud Chirio (2012) chama de “segunda linha dura”, instalados nos aparelhos de inteligência e repressão, a distensão do regime teria sido um erro. Para esses setores, a redemocratização teria camuflado a infiltração comunista, inserida dentro do jogo democrático. A segunda linha dura, à diferença da primeira, trouxe “a visão maniqueísta do mundo político à cena intramilitar.” (CHIRIO, 2012, p. 203). Nesse cenário, quem não era aliado era comunista.

Bolsonaro é herdeiro direto dessa espécie de tradição intelectual no interior das Forças Armadas, tendo sido treinado sob sua liderança. Na condição de instrutores na Academia Militar das Agulhas Negras, oficiais ligados a essa tradição foram capazes de iniciar a geração da década de 70 — em especial nas turmas de 1974 a 1977 — no reacionarismo, no anticomunismo fanático baseado na experiência sangrenta da Guerrilha do Araguaia e na ideia de uma perpétua ameaça subversiva à qual deve fazer frente um governo militar igualmente perpétuo. Esses foram os homens que formaram Jair Bolsonaro durante sua permanência na AMAN entre 1974 e 1977. Durante esse período, os cerca de quatrocentos cadetes da turma, entre os quais Bolsonaro, foram treinados sob a influência do êxito militar da campanha do Araguaia⁶. A vitória tornou-se referência em treinamento e instruções de combate na selva nos anos seguintes. À *Folha de S. Paulo*, um coronel da turma de Bolsonaro afirmou que “chegou a ver fotografias de corpos de guerrilheiros, projetadas em slides — material que permanece inédito até hoje”. Nas aulas, prossegue a reportagem da Folha, “os instrutores falavam das mortes dos guerrilheiros e dos métodos que usavam para obter informações” (GOMIDE, TORRES, 2009)

⁶ Não deve se tratar de coincidência que parte expressiva dos militares a ocuparem os mais altos postos do governo Bolsonaro tivesse frequentado a Academia Militar das Agulhas Negras no mesmo período que ele próprio. É o caso de Carlos Alberto Santos Cruz, Floriano Peixoto Vieira Neto, Fernando Azevedo e Silva, Luiz Eduardo Ramos e Edson Pujol. O general Augusto Heleno, por sua vez, foi nada menos que ajudante de ordens de Sylvio Frota, maior porta-voz da linha dura e responsável por orquestrar um golpe contra o governo Geisel. Parte dos militares levados por Bolsonaro ao Planalto também possui passagem pela Brigada Paraquedista — um dos principais núcleos de radicalização do Exército. Nesta lista tem-se o vice-presidente Hamilton Mourão, além do próprio Augusto Heleno Pereira, Edson Pujol, Carlos Alberto dos Santos Cruz, Fernando Azevedo e Silva e Guilherme Theophilo. Não seria portanto exagero dizer que Bolsonaro e seus homens de confiança são herdeiros diretos de um dos núcleos mais radicalizados e autoritários do período militar, e que constituem uma das engrenagens para a expansão do projeto de memória do Exército (MELO, 2021).

Mesmo depois de seu afastamento da ativa, Bolsonaro buscou solidificar seus laços com as franjas mais extremas e revisionistas do regime militar. Pode-se dizer que a projeção no meio militar tenha talvez se tornado ainda mais importante para o ex-paraquedista após seu afastamento, na medida em que se converteu imediatamente em candidato a vereador e, em seguida, a deputado estadual. Por meio de associações como a Terrorismo Nunca Mais (Ternuma), embebidas no anticomunismo paranóide, aproximou-se de figuras como “Doutor Nilo”, do Centro de Inteligência do Exército, então tenente-coronel, e Carlos Alberto Brilhante Ustra. Por meio de indivíduos como eles, Bolsonaro tornou-se capaz de se reintroduzir silenciosamente nas casernas durante a década de 1990. Lá, atuou para reproduzir um projeto de memória em grande parte elaborado pelos membros dos órgãos de segurança do governo militar. Difundia-o para as gerações posteriores e, mais ainda, para fora dos quartéis.

A análise de fontes primárias corroboram a ideia de que existem fortes pontos de confluência entre os discursos de Bolsonaro e aqueles do regime de 64. A ênfase na soberania nacional, a ideia de que uma espécie de cultura ou identidade nacionais está sob ameaça de forças estrangeiras, o anticomunismo e sua associação com a corrupção, o apelo à autoridade e à ordem, e a linguagem utilizada parecem espelhar quase perfeitamente o posicionamento de radicais que buscaram contestar a redemocratização e criaram uma contra-narrativa oficial por meio de publicações que circularam no meio militar da década de 1980 em diante.

Esse movimento é ilustrado por “O Livro Negro do Terrorismo no Brasil”, também conhecido como “Orvil - As tentativas de tomada do poder”. O Orvil (anagrama de “livro”) é assinado pelo tenente-coronel reformado Lício Augusto Maciel e pelo tenente reformado José Conegundes Nascimento. Esses indivíduos, somados a outros militares que optaram por não se identificar, trabalharam sob a coordenação do tenente-coronel reformado José Conegundes Nascimento no interior do Centro de Informações do Exército (CIE). Este arquivo secreto veio à tona graças ao trabalho investigativo dos jornalistas Lucas Figueiredo de 2007, que posteriormente se converteu no livro “Olho por olho: os livros secretos da ditadura” (2011). Se o jornalista indicava que o projeto teria sido encomendado pelo então ministro do exército Leônidas Pires Gonçalves como resposta ao projeto “Brasil: Nunca Mais”⁷, a abertura dos

⁷ O “Brasil: nunca mais” é, segundo o Ministério Público Federal, “a mais ampla pesquisa realizada pela sociedade civil sobre a tortura política no país” (Brasil Nunca Mais, 2024). Ele teve como objetivos preservar os registros judiciais de crimes políticos para prevenir sua destruição pós-ditadura, como aconteceu após o Estado Novo; coletar e divulgar informações sobre torturas realizadas durante a repressão política; e promover a educação em direitos humanos. Analisando cerca de 850 mil páginas de processos judiciais contra presos políticos, foram produzidos relatórios e um livro homônimo, escrito por Frei Betto e Ricardo Kotscho, que documenta as torturas e outras sérias violações de direitos humanos ocorridas na ditadura militar brasileira.

arquivos dos Relatórios Periódicos Mensais (RPM) do CIE revelou que “a disputa pela fixação de uma memória sobre a atuação da esquerda no país e o sistema repressivo já havia começado muito antes de se ter conhecimentos sobre o projeto da Arquidiocese.” (Brandão, Leite, 2012, p. 316). Reportagem de Lucas Pedretti para a Agência Pública (2021) revela que o Orvil não apenas teve circulação oficial entre a tropa durante as décadas de 1980 e 1990, mas que segue sendo utilizado na formação de militares, visando a solidificação de um projeto de memória no qual as Forças Armadas ocupam um lugar de heroísmo, e no qual o golpe de 1964 é lido como uma revolução que evitou a ditadura comunista iminente.

Pesquisadores como João Cezar de Castro Rocha (2023) e Lynch e Cassimiro (2021) apontam para a existência de ecos entre a narrativa perpetuada pelos derrotados da ditadura militar, que o Orvil ilustra, e aquela do bolsonarismo. Isso se evidencia ao examinarmos as leituras de Bolsonaro e aquela do livro sobre o golpe de 1964 e o regime subsequente. Se o Orvil narra a ditadura de 1964 como uma "revolução" necessária para salvar o Brasil do caos e do comunismo, posicionando-a como uma restauração da ordem e dos valores tradicionais ameaçados pela política de esquerda, Bolsonaro (como vimos no trecho destacado anteriormente, pela ocasião do aniversário do golpe) a encara como movimento que preservou as instituições democráticas do Brasil contra uma alegada ameaça comunista. Em seus discursos (sobretudo enquanto parlamentar), Bolsonaro frequentemente evoca esse período como uma época de ordem e progresso, contrastando-o com o que ele descreve como a degeneração moral e política das gestões subsequentes. Ele utiliza essa narrativa para posicionar-se como um agente de renovação moral e restauração dos "verdadeiros" valores brasileiros, em um eco direto à linguagem utilizada no livro.

Essa visão é articulada claramente no Orvil quando descreve a revolução como um movimento de "proteção da soberania nacional", uma narrativa que Bolsonaro também sustenta ao afirmar que as Forças Armadas atuaram como guardiãs da nação contra a instabilidade política. Em um trecho do Orvil, a revolução é descrita desta maneira:

A Revolução de 31 de março de 1964 resultou de uma excepcional reação da sociedade brasileira à corrupção, à subversão, à estagnação econômica, à espiral inflacionária, e à insegurança política e social, e cristalizou-se na manutenção do regime democrático.

Em torno dessa aspiração, aglutinaram-se forças das mais heterogêneas, reunindo pessoas e entidades de tendências políticas até então antagônicas. Deste ponto de vista, o movimento democrático de 1964 foi uma simples contrarrevolução, que interrompeu a trajetória de tomada do poder pelos comunistas.

O despertar da sociedade brasileira e seu desejo de preservar a democracia — representando sua filosofia de vida — induziram a adesão das Forças Armadas e possibilitaram sua interferência no processo subversivo em curso. Foi a força psicológica e, ao mesmo tempo, objetiva dessa aspiração generalizada que fez desmoronar o sistema político-militar de Goulart e permitiu que o processo de tomada do poder fosse interrompido sem derramamento de sangue, sem patíbulo e sem paredões. (Orvil, p 117)

Essa passagem exhibe uma similaridade notável com o trecho da fala de Bolsonaro que destacamos na página 7⁸. Em ambos segmentos encontramos a interpretação do movimento militar como uma resposta ao clamor popular por ordem e segurança, e ambos denunciam as forças comunistas como ameaças à estabilidade nacional. A retórica usada por Bolsonaro e no Orvil sugere que sem a intervenção militar o Brasil teria enfrentado consequências muito mais graves. Trata-se da narrativa do golpe como contra-revolução. Nesse sentido, as Forças Armadas teriam agido em nome dos interesses e necessidades da nação -- Bolsonaro chega a enfatizar que as Forças Armadas nunca foram intrusas na política, mas sempre estiveram subordinadas à vontade nacional. Essa narrativa busca legitimar o papel dos militares na política como protetores da constituição e da democracia, a despeito da evidente violação da ordem constitucional que representou o golpe de 1964.

Essa comparação revela como Bolsonaro, assim como o Orvil, utiliza a história para reforçar sua própria agenda política, invocando uma interpretação do passado que enaltece as ações militares como salvaguardas da nação, enquanto demoniza os oponentes políticos como perigosos e desestabilizadores. Observa-se a mobilização de um mesmo projeto de memória. A semelhança nas narrativas sugere que Bolsonaro vê sua própria liderança e ações dentro de uma continuidade dos ideais e práticas do regime de 1964, promovendo uma "restauração" de valores considerados perdidos na política brasileira contemporânea.

Chama atenção igualmente o relevo que preocupações de ordem moral adquirem em um e outro caso. Mais especificamente, o que se observa é a construção de cadeias significadas onde as ideias de esquerda, corrupção e ameaça aos valores se encontram

⁸ Rememoro o excerto: “Eu quero, Sr. Presidente, saudar o 31 de março de 1964, segunda data da independência do nosso Brasil. Não quero saudar apenas os militares das Forças Armadas. Quero saudar todo o povo brasileiro, que naquela época foi às ruas pedir o afastamento do comunista João Goulart. [...] O Brasil já sofreu demasiado com o Governo atual. Agora, basta! Ressurge a Democracia. Vive a Nação dias gloriosos.”

interligadas. A destruição da moralidade pela infiltração não apenas no governo, mas nas escolas, família e igreja teria sido uma estratégia deliberadamente adotada como alternativa à guerra direta no III Congresso do Comintern. Assim se inaugurou uma nova etapa da guerra revolucionária:

A conquista da população [pelos comunistas] consiste, sobretudo, no emprego planejado de propaganda, através da impregnação ideológica e de outras ações, normalmente de cunho psicológico, que atuando de forma lenta, progressiva e insidiosa, busca introduzir a descrença nos governantes e nas instituições. Contesta a moralidade e a eficiência do governo [...]. Busca, igualmente, criar um clima de desassossego e uma sensação de insegurança, atuando particularmente sobre as instituições sociais tradicionais (família, escola, igreja, forças armadas, etc.). Vale-se ainda do aliciamento, da infiltração e do estabelecimento de hierarquias paralelas, sempre tendo em vista fazer a população perder a fé nos governantes e nas instituições. Quando a população deseja mudar a situação existente, está espiritualmente preparada para isso. (Orvil, p 812)

A chamada quarta tentativa de tomada do poder (seguindo a “Intentona”, o governo Goulart e a luta armada), ao contrário das demais, não incluía o recurso a armas. Dava-se, pelo contrário, no plano das ideias, possibilitada pela infiltração de esquerdistas nas instituições e na opinião pública, já no período democrático. Jair Bolsonaro parece se referir a um movimento desse tipo quando afirma que “o maior problema que nós temos não é mais a roubalheira; é a questão ideológica. Livros de História.” (Bolsonaro, 03/09/2014). A “questão ideológica” é entendida por Bolsonaro no sentido da guerra cultural acima descrita.

Parece claro que a matriz principal do discurso de Jair Bolsonaro é o militarismo. Mais especificamente, constatamos que o que mais o atrai no regime militar não é, por exemplo, sua política econômica, que resultou no chamado “Milagre” (algo do qual muitos defensores do regime costumam frisar) ou suas obras de infraestrutura -- apesar de Bolsonaro também tecer elogios a este aspecto do regime, diga-se de passagem --; não é o currículo escolar ou especificamente a censura às artes. O que o empurra em direção ao regime de 64 parece ser, primordialmente, o exercício da força e da autoridade (por que não dizer, da violência) sobretudo sobre a esquerda, isto é, a característica repressiva do regime. O caráter autoritário é, evidentemente, apenas uma fração do conjunto de características que definiu o regime militar, mas é reiteradamente evocado por Bolsonaro.

Partimos então do princípio de que essa é a matriz principal do pensamento de Bolsonaro; trata-se da tendência que identificamos como mais antiga dentro do período analisado. Existe também um grande volume de manifestações que demonstram o apreço de Bolsonaro pelo caráter repressivo e autoritário do regime de 64. O que a análise de discurso revela é que a este núcleo central de pensamento foram se agregando ideias advindas de

outras tradições da direita brasileira. Esse processo não se deu de uma hora para outra mas, sim, se desdobrou ao longo de alguns anos, alinhado com as intenções políticas e de projeção de Bolsonaro. É esse o processo que pretendemos mapear ao longo das próximas páginas. Somos capazes de fazê-lo precisamente porque dispomos de seus discursos, que funcionam como pegadas que nos guiam pelo caminho intelectual percorrido. Na próxima seção tentaremos retrair um trecho desse percurso. Tentaremos entender a maneira como Bolsonaro integra a seu discurso a ideia de que um dos principais campos da batalha cultural promovida pela esquerda são as escolas.

2.2 Deus acima de todos⁹

Que Bolsonaro se colocou como um defensor da moral e dos bons costumes, da família tradicional e de uma assim chamada civilização judaico-cristã, não é novidade para aqueles que observaram atentamente seu governo. Bolsonaro se associou com alguns dos mais reacionários líderes religiosos, como Silas Malafaia, obtendo apoio massivo dos evangélicos. Nas eleições de 2022, Bolsonaro chegou a contar com o apoio de 63% dos evangélicos, contra 31% de Lula, para ficar apenas em um exemplo¹⁰. (IPEC, 2022) Seu slogan, “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” não deixa dúvidas sobre a importância da identidade religiosa para o projeto político de Bolsonaro. Pretendemos demonstrar, entretanto, que nem sempre este foi o caso. Na verdade, não foi senão recentemente que ele deixou de se ocupar da agenda militar para tratar de assuntos de ordem moral.

A análise preliminar de discursos de Bolsonaro na Câmara dos Deputados demonstra que, durante boa parte de sua carreira política, o então deputado não era um típico defensor da família; na verdade, os costumes não parecem ter estado no rol de suas preferências até 2010. Entre 2006 e essa data, Bolsonaro raramente fazia menção à família — à exceção do tópico do planejamento familiar. O deputado poucas vezes havia mencionado, por exemplo, os homossexuais até o ano de 2010. A denúncia incessante daquilo que chamou de “kit gay” ocuparia boa parte de seus discursos parlamentares nos anos seguintes. A análise de seus discursos revela que o momento de virada ocorreu ainda em 2010, quando as Comissões de Legislação Participativa, de Educação e de Cultura e a de Direitos Humanos e Minorias da

⁹ Seção ainda em seus estágios iniciais.

¹⁰ Entre os católicos, a tendência foi inversa, com 34% declarando intenção de voto em Bolsonaro e 60% em Lula, de acordo com pesquisa da Globo/Ipec no dia 10 de outubro de 2022.

Câmara dos Deputados promoveram um seminário intitulado “Escola Sem Homofobia”, que daria origem ao projeto de mesmo nome no ano seguinte.

Bolsonaro simultaneamente passou a se tornar um defensor da família e a tratar a escola como palco privilegiado de uma guerra cultural e moral. Aproximou-se, assim, do Movimento Escola Sem Partido (MESP) e de importantes lideranças religiosas. Ele capitaneou “uma cruzada na direção do Ministério da Educação” (Silveira, 2019, p 48) que as bancadas evangélica, católica, a Frente em Defesa da Família e o MESP encamparam. Foi nesse contexto que “kit gay” foi incorporado ao léxico do deputado, referindo-se ao Escola Sem Homofobia (Silveira, 2019). Através do movimento Escola sem Partido, o bolsonarismo demonstrou-se capaz de “interpelar os valores conservadores predominantes no senso comum das classes subalternas, dando uma explicação para a natureza da crise brasileira que transcende a velha narrativa de combate à corrupção mais direcionada às classes médias.” (MELO, 2020, p. 34).

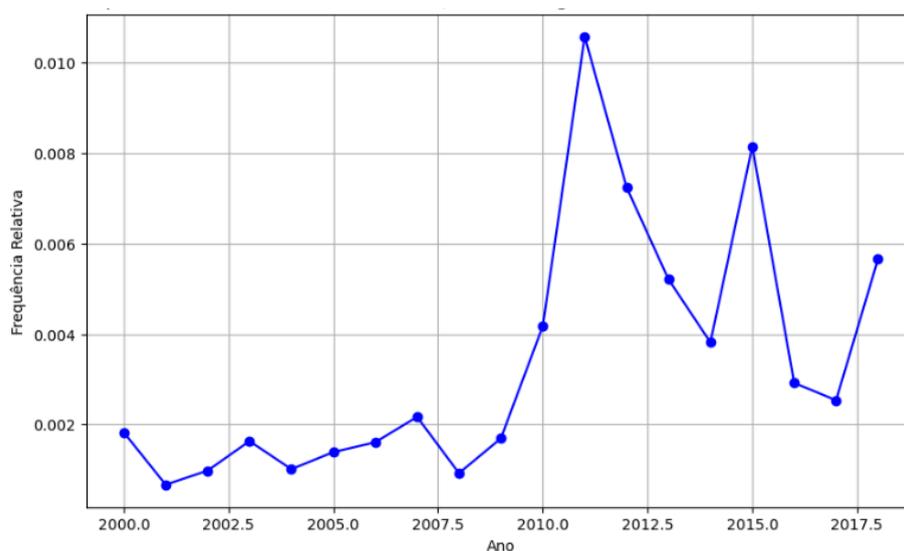
Aqui pode demonstrar-se útil recuperar o trabalho de Marina Basso Lacerda (2019) sobre aquilo que denominou novo conservadorismo brasileiro. Para a autora, o novo conservadorismo brasileiro é uma releitura do neoconservadorismo americano — originalmente, significando a união de vastos setores evangélicos, membros do Partido Republicano e intelectuais em torno da candidatura de Ronald Reagan à presidência dos Estados Unidos em 1980. Diferentemente de outras articulações conservadoras, no entanto, “o eixo de gravidade do neoconservadorismo norte-americano — e do novo conservadorismo brasileiro — é a atuação da direita cristã baseada na ideia de que a família (e não o Estado) é a resposta para toda ordem de disfunções sociais” (LACERDA, 2019, P. 18). Como nos Estados Unidos de Reagan, no Brasil as políticas de bem-estar e os avanços nas pautas de gênero e sexualidade ativaram uma dinâmica de reação que se estendeu para classes populares, elas próprias gradativamente mais envolvidas pela expansão das igrejas neopentecostais norte-americanas e pela teologia da prosperidade.

A aproximação de Bolsonaro desse tipo de discurso, muito caro aos expoentes do conservadorismo religioso, se fez notar em seus discursos na Câmara dos Deputados. No período que corresponde ao auge de seu engajamento contra o Escola Sem Homofobia, observamos o aumento muito significativo da frequência de temas¹¹ ligados ao

¹¹ Mapeamos o uso do seguinte léxico, construído em nosso trabalho de leitura das fontes: família, tradicional, valores, cristãos, cristão, defesa da família, princípios morais, princípios, doutrinação, doutrinação ideológica, educação moral, educação, moral, ideológica, ideologia, crianças, criança, fé, valores familiares, princípios religiosos, ética cristã, ética, cristã, Deus, pedofilia, professor, professora, valores familiares, ideologia de gênero, gayzista, progressista, criança, crianças, criancinhas, colégio, progressismo, globalista, ideologia, gênero, gay, gays, homossexuais, escola, escolas, homossexual, lésbica, lésbicas, Escola Sem Partido.

conservadorismo, à defesa da família e aos valores religiosos no discurso de Bolsonaro, movimento que se inicia a partir do ano de 2010. Este fenômeno é ilustrado pelo Gráfico 1, onde chama atenção a baixa incidência desses termos até o ano de 2010, onde se observa uma elevação que alcança seu ápice em 2011.

Gráfico 1: Frequência relativa da utilização de termos ligados a valores religiosos e à defesa da família

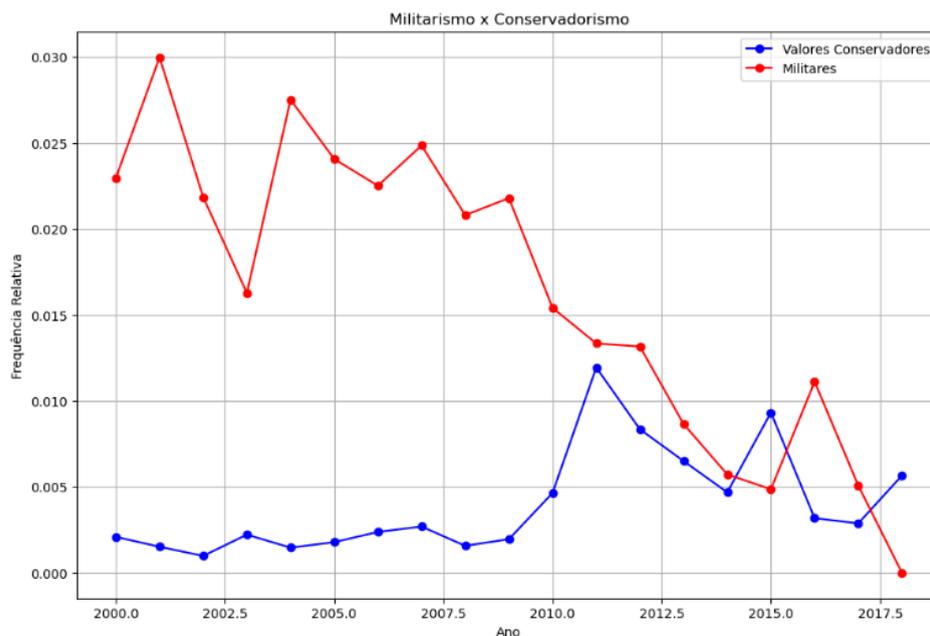


Fonte: elaboração própria

Curiosamente, a inclinação conservadora parece apresentar tendência contrária à inclinação militarista. À medida que se ligava a grupos políticos diferentes, deixava de ser um deputado do nicho militar e se afastava paulatinamente das pautas estritamente militares. O que se observa, ao longo dos anos, é a diminuição significativa do peso da herança militar no discurso de Bolsonaro. Buscamos ilustrar esse movimento, colocando lado a lado os dados que apresentamos no gráfico anterior e a frequência relativa de termos associados aos militares¹². O resultado dessa justaposição nos pareceu bastante sugestivo:

Gráfico 2: Frequência relativa de termos relacionados ao militarismo vs. conservadorismo

¹² Mapeamos o uso das palavras "militar", "militares", "militer", "forças", "armadas", "exercito", "soldo", "salário", "reserva", "soldado", "oficial", "tropa", "tropas", "cabo", "cabos", "soldados", "marinha", "aeronáutica".



Fonte: elaboração própria

Chama atenção a mudança no uso que ele faz da ideia de “conservadorismo” e termos afins (“conservadorismo”, “valores tradicionais”, “direita”, “conservadores”), provocada, supõe-se, por sua aproximação com lideranças conservadoras no seio do ESP. Antes de 2010, a alusão a esses temas era bastante esporádica. Se ele já conferia atenção aos valores e à oposição a valores progressistas, o uso explícito do conservadorismo não era proeminente. Entre 2010 e 2014, entretanto, esse cenário mudou. Bolsonaro passou a posicionar mais a si mesmo e a suas ideias como de direita, em oposição às políticas do governo de Dilma Rousseff.

O que se nota, até aqui, é que o discurso de Bolsonaro apresentou um ponto de inflexão que coincide quase exatamente com a eleição de Dilma Rousseff. Este evento parece ter tido grande impacto sobre Bolsonaro. Observamos alguns movimentos discursivos que puderam ser quantificados e ilustrados por meio do recurso a ferramentas automatizadas de processamento de linguagem natural. Compartilhamos aqui alguns desses dados que parecem bastante instigantes.

O primeiro gráfico (Gráfico 1) demonstra a intensificação da disposição antipetista de Bolsonaro com a eleição de Rousseff. Isso foi feito por meio da contagem do uso dos termos “PT”, “Lula”, e “Dilma”:

Gráfico 3: Discurso antipetista de Bolsonaro, por ano



Fonte: elaboração própria¹³

Adiciona-se mais um elemento de peso para nossa impressão de que o ano de 2010 representa uma guinada discursiva. Se fica claro que ela se deu na direção oposta do PT, demais aspectos de seu conteúdo permanecem pouco claros. Buscamos portanto tentar apreender a diferença com que Bolsonaro abordou as presidências de Lula e Dilma. Para esses fins, procuramos identificar nos discursos de Bolsonaro os termos que orbitam ao redor de “Lula” e “Dilma”. As nuvens de palavras 1 e 2¹⁴ ilustram o resultado dessa investigação.

A visualização dos dados discursivos de Bolsonaro é bastante instigante. Chama sobretudo atenção a centralidade da figura da própria Dilma Rousseff em relação à posição ocupada por Lula anteriormente:

Nuvem de Palavras 1 - Críticas de Bolsonaro a Lula

¹³ Notei posteriormente que essa queda brusca em 2016 parece estranha, preciso verificar meu código e as fontes para ver se e por quê isso aconteceu.

¹⁴ As nuvens de palavras foram geradas utilizando a biblioteca wordcloud da linguagem de programação Python. O processo envolveu a filtragem dos discursos para selecionar aqueles que mencionam “Lula” ou “Dilma”, e a remoção de palavras comuns e irrelevantes (stopwords), com algumas stopwords adicionais adicionadas manualmente. Após selecionarmos a amostra dos discursos contendo menções a Dilma ou a Lula, identificamos os termos de maior frequência. Nas nuvens, o tamanho de cada palavra corresponde a sua frequência.

ocorridas no Brasil durante a ditadura. Dadas as circunstâncias, não é surpreendente que a oposição de Bolsonaro a Dilma tenha sido mais frontal em relação àquela em relação a Lula.

O que as nuvens de palavras parecem indicar é que a oposição de Bolsonaro a Lula se estruturava muito mais em termos de oposição a um governo do que a sua pessoa, situação que parece se alterar com a presidência de Dilma. Salta aos olhos igualmente o fato de que essa oposição sempre se deu pela ótica de um militar. Se, nos anos 2000, as ações legislativas de Bolsonaro giravam em torno de pautas diretamente ligadas aos militares, como os salários e reajustes figurando entre os temas de preferência do deputado no período, sua oposição a Dilma parece se dar sobretudo em torno do tema da Comissão da Verdade, como demonstra a nuvem de palavras 2. Parece igualmente que as críticas a Lula estavam mais centradas nas questões da corrupção, política econômica e programas sociais, enquanto as críticas a Dilma parecem incorporar também questões sobre “ideologia”, gênero e educação.

Enquanto presidente, observa-se que Bolsonaro continuou a mobilizar a identidade conservadora para a construção de sua imagem e identidade política. A mobilização desse léxico se deu, com frequência, em associação à defesa de valores da família e da religião. Dessa maneira, ele se coloca do lado de um povo que ele entende ser cristão e conservador. Mais do que isso, com alguma frequência Bolsonaro se coloca como instrumento da vontade divina, atribuindo a um milagre o fato de ter sobrevivido à tentativa de assassinato de Adélio Bispo em 18 de setembro de 2018, em meio à corrida presidencial:

[...] Todos nós temos dias que marcamos no ano. Hoje marca meu coração, esse 13 de agosto, os vinte e cinco anos que meu pai me deixou. E quando se fala em pai e mãe, fala-se em família. Essa família tão esquecida, tão atacada nos últimos governos. Isso também pesou para que alguém em conformidade com a maioria de vocês, conservador e cristão, chegasse ao governo.

Lembro do meu pai, mas também agradeço a Deus, por ter me dado a chance de uma segunda vida naquele 6 de setembro de 2018. Agradeço a Deus também, que pelas mãos da maioria do povo brasileiro, me confiou essa missão de presidir essa grande Nação chamada Brasil. [...] (Discursos presidenciais, 13 de agosto de 2020)

A guinada conservadora de Bolsonaro e sua aproximação com grupos religiosos também parece ter sido responsável pela incorporação em seu vocabulário do termo “tradição” (ou “cultura”), “judaico-cristã”, até então ausente nos registros de sua atividade como parlamentar. É bastante sugestivo que a defesa dessa suposta cultura seja instrumentalizada discursivamente para a defesa de suas visões sobre segurança pública:

[...] Nós respeitamos todas as religiões, mas 90% da população é cristã. O Estado é laico, mas nós aqui somos cristãos e acreditamos em Deus. Acabou a história de bagunçarem com a família brasileira. A família brasileira é sagrada. Nas escolas, cada vez menos estamos vendo aquele lixo, aquela coisa do capeta chamada “ideologia de gênero”. Ideologia de gênero é a “ponta da praia”. Nós vamos mudar esse Brasil. Esse povo tem vontade, tem raça e tem fé. E agora, vocês têm um governo cristão. [...]

Vocês estão aqui porque acreditam em Deus e no Brasil. E acreditam também neste prefeito maravilhoso que tenho ao meu lado. Nós, juntos, vamos colocar o Brasil no lugar de destaque que ele merece. Nós, juntos, vamos varrer a corrupção e o comunismo no Brasil.

Olhem o que está acontecendo na Argentina agora. A Argentina está mergulhando no caos. A Argentina começa a trilhar o rumo da Venezuela, porque, nas primárias, bandidos de esquerda começaram a voltar ao poder. O Brasil tem a sua vocação, tem a sua cultura, tem a sua tradição judaico-cristã. O Brasil é um povo que ama a democracia e não vive sem a liberdade. O que esse pessoal de esquerda sempre quis, (incompreensível) histórias, ele quis o quê? Roubar a nossa liberdade. Não vamos admitir isso, porque a nossa liberdade vale muito mais que a nossa vida.

Por isso eu defendo para vocês a posse de arma de fogo e o porte também. O povo armado jamais será subjugado. Pretendo, no Parlamento, aprovar isso. Fiz o possível através de decreto. [...]

Nesse trecho, Bolsonaro interrelaciona alguns de seus temas de preferência, mobilizando o vocabulário religioso e a ideia de uma civilização judaico-cristã a ser defendida dos perigos representados pela ideologia de gênero e o comunismo. Mais do que isso, seu tom é violento. Parece que o uso da violência é legitimado pela defesa dessa “tradição”. Isso se evidencia já no princípio do discurso, quando afirma que lugar da ideologia de gênero é na “ponta da praia”¹⁵. Mas se torna patente quando o presidente defende o uso de armas de fogo para que o povo possa defender-se da esquerda, supostamente interessada em roubar-lhes a liberdade. Bolsonaro, a família, Deus e o Brasil parecem estar do mesmo lado em uma batalha literal, armada, contra a esquerda e o comunismo.

¹⁵ A expressão “ponta da praia” se refere à base Marinha na Restinga da Marambaia, Rio de Janeiro, local marcado pelas execuções de opositores durante a ditadura militar. À *Folha de S. Paulo*, o historiador Carlos Fico explicou que, com o tempo, o termo foi convertido em jargão militar, amplamente usado para se referir a locais clandestinos utilizados por militares para tortura e assassinato durante o período.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOITO JR., Armando. Por que caracterizar o bolsonarismo como neofascismo. **Crítica marxista**, v. 1, n. 50, 2020.

BIGNOTTO, Newton. Bolsonaro e o bolsonarismo entre o populismo e o fascismo. In: STARLING, Heloísa Murgel; LAGO, Miguel; BIGNOTTO, Newton. **Linguagem da destruição: a democracia brasileira em crise**. Companhia das Letras, 2022.

BRASIL NUNCA MAIS. Uma iniciativa histórica. Página inicial. Disponível em: <<https://bnmdigital.mpf.mp.br/pt-br/>>. Acesso em: 10 de mai. de 2024.

CESARINO, Letícia. Identidade e representação no bolsonarismo. **Revista de Antropologia**, v. 62, n. 3, p. 530-557, 2019.

CHIRIO, Maud. **A política nos quartéis: revoltas e protestos de oficiais na ditadura militar brasileira**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2012.

COHN, Gabriel. O fascismo latente. São Paulo: **Lua Nova**, p. 37-52, 2022.

DISCURSOS E NOTAS TAQUIGRÁFICAS. **Câmara dos deputados**. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/discursos-e-notas-taquigraficas>>. Acesso em 16 de jul. 2020.

DVOSKIN, Gabriel. **Discursos silenciosos, discursos silenciados**. Lá apropiación enunciativa como operación discursiva. 2017.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity press, 1992.

FIGUEIREDO, Lucas. **Olho por olho: os livros secretos da ditadura**. Editora Record, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FREITAS, Veronica Tavares de. **Meu partido é o Brasil: a ascensão do movimento pela intervenção militar nos protestos brasileiros (2011 à 2019)**. 2023. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

GENTILE, Emilio. **Qu'est-ce que le fascisme?: histoire et interprétation**. Gallimard, 2004.

GODOY, Marcelo. Soldados influenciadores: os guerrilheiros digitais do bolsonarismo e os tuítes de Villas Bôas. In: FILHO, João Roberto Martins (org.). **Os militares e a crise brasileira**. São Paulo: Alameda, 2021.

GOMIDE, Rafael; TORRES, Sergio. Araguaia era referência em aulas do Exército. **Folha de S. Paulo**, 26 de jul. de 2009. Acesso em 4 de jul. de 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2607200906.htm>>.

IPEC. Pesquisa de opinião pública sobre assuntos políticos/administrativos. 2022. Disponível em: <https://www.ipec-inteligencia.com.br/pesquisas/>

JØRGENSEN, Marianne W.; PHILLIPS, Louise J. **Discourse analysis as theory and method**. Sage, 2002.

LACERDA, Marina B.. **O novo conservadorismo brasileiro**. Porto Alegre: Zouk, 2019.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemony and socialist strategy: Towards a radical democratic politics**. Verso Trade, 2014.

LYNCH, Christian; CASSIMIRO, Paulo Henrique. O populismo reacionário no poder: uma radiografia ideológica da presidência Bolsonaro (2018-2021). **Aisthesis**, n. 70, p. 223-249, 2021.

LYNCH, Christian; CASSIMIRO, Paulo Henrique. **O populismo reacionário: ascensão e legado do bolsonarismo**. Editora Contracorrente, 2022.

MELO, Demian. O bolsonarismo como fascismo do século XXI. *In*: REBUÁ, E.; COSTA, R.; GOMES, R.; CHABALGOITY, D.. (Org.). **(Neo)fascismo e educação: reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil**. 1ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

NUNES, Rodrigo. **Do transe à vertigem**. Ubu, 2022.

PODER 360, Reunião ministerial de 22.abr.2020, na qual Bolsonaro teria indicado interferência na PF. **Youtube**, 2020. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=VkCTwQH55Ic&t=2s>> .

ROCHA, Camila. **Menos Marx, mais Mises**. São Paulo: Todavia, 2021.

ROSANVALLON, Pierre. **Por uma história do político**. São Paulo: Alameda, 2010.

SANTOS, Eduardo Heleno de Jesus. Controle civil? A ascensão de Bolsonaro e a encruzilhada do Brasil — militares, forças armadas e política. *In*: FILHO, João Roberto Martins (org.). **Os militares e a crise brasileira**. São Paulo: Alameda, 2021.

SILVEIRA, Zuleide S. **Onda conservadora: o emergente movimento escola sem partido. Escola sem partido ou a escola da mordança e do partido único a serviço do capital**. Uberlândia: Navegando Publicações, p. 17-48, 2019.

STARLING, Heloísa Murgel. Brasil, país do passado. *In*: STARLING, Heloísa Murgel; LAGO, Miguel; BIGNOTTO, Newton. **Linguagem da destruição: a democracia brasileira em crise**. Companhia das Letras, 2022.

Henoch Gabriel Mandelbaum

19:06

<https://dataverse.harvard.edu/dataset.xhtml?persistentId=doi:10.7910/DVN/B369ZH>

<https://www.jstor.org/stable/23145991> - Harmes

<https://www.cambridge.org/core/books/neoliberal-nationalism/8593BC51AE23E9219505EBDA35D2B409> - Joppke

<https://dataverse.harvard.edu/dataset.xhtml?persistentId=doi:10.7910/DVN/B369ZH>

Base de tuítes do Bolsonaro entre 2019 e 2021.

Henoch Gabriel Mandelbaum

19:11

<https://osf.io/t78f2/>

Murilo Junqueira trabalha com ciencias sociais digitais, trabalha com gente que faz webscrapping dos twits do bolsonaro.

sue iamoto

19:16

Uma opção também seria fazer uma seleção de páginas bolsonaristas e acompanhar estas páginas no tempo